

ANÁLISE DE PROJETOS RESIDENCIAIS NÃO CONSTRUÍDOS DE VILANOVA ARTIGAS:

A interpretação da concepção de espaços a partir de modelos físicos

TAGLIARI, ANA (1); PERRONE, RAFAEL (2); FLORIO, WILSON (3)

1. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP – Pós-Graduação.
Departamento de Projeto de Arquitetura. Bolsista de Doutorado do CNPq.
Rua Maranhão, 88. São Paulo – SP. 01240-000. e-mail: antagliari@usp.br
2. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP. Departamento de Projeto de Arquitetura.
Rua Maranhão, 88. São Paulo – SP. 01240-000. e-mail: racperrone@gmail.com
3. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
Rua da Consolação, 930 – prédio 9. São Paulo SP - 01302-907. e-mail: wflorio@uol.com.br

Esta pesquisa tem o apoio do CNPq

Palavras-chave: Análise de projeto, Modelos Físicos, Vilanova Artigas

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar alguns exemplares dos projetos residenciais não construídos do arquiteto Vilanova Artigas. A concepção formal e espacial desses projetos é analisada a partir do uso de modelos físicos e de desenhos. O objeto de estudo são os projetos residenciais não construídos em São Paulo e que fazem parte do acervo digital da Biblioteca da FAUUSP. Os resultados obtidos indicam que os modelos físicos contribuem para o aprofundamento da investigação de projetos não construídos, tanto sob o ponto de vista conceitual e estético como do funcional e técnico. A contribuição original reside no objeto, os projetos não construídos, o método, utilizando desenhos e maquetes para análise, e objetivo, para melhor interpretar os edifícios construídos do arquiteto, buscando relações de concepção espacial e de partido arquitetônico.

Abstract

The aim of this article is to investigate unbuilt residential projects designed by Vilanova Artigas. The formal and space conception of these projects is analyzed by physical models and drawings. The object of this research is the unbuilt residential projects designed by Vilanova Artigas in São Paulo and they are part of the FAUUSP digital Library. The results indicate that physical models contribute for the deepening understanding of unbuilt projects, either the conceptual and aesthetic issue as the functionary and technician. The original contribution is the object, the unbuilt projects, the method, using drawings and physical models for analysis, and objective, to interpret the constructed buildings of the architect, searching relations of space conception and *architectural parti*.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar algunas unidades de los proyectos residenciales no construidos del arquitecto Vilanova Artigas. El concepto formal y del espacio de estos proyectos se analiza del uso de modelos y de dibujos físicos. El objeto del estudio es los proyectos residenciales no construidos en São Paulo y eso son parte de la cantidad digital de la biblioteca del FAUUSP. Los resultados conseguidos indican que los modelos físicos contribuyan para profundizar de la investigación de los proyectos no construidos, tanto bajo punto de vista conceptual y estético en fecha el functionary y el técnico. La contribución original habita en el objeto, los proyectos no construidos, el método, usando dibujos y las maquetas para el análisis, y el objetivo, mejora para interpretar los edificios construidos del arquitecto, buscando relaciones del concepto y del partido del espacio arquitectónico.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a cognição em projeto ressaltam a importância da tangibilidade de modelos físicos para a compreensão de espaços arquitetônicos (FLORIO, et.al. 2008). Modelos físicos são eficazes porque são palpáveis na captação de diferentes características de propostas arquitetônicas. Este artigo é fruto da pesquisa que, entre outros objetivos, intenta apontar o papel dos modelos físicos na investigação de projetos residenciais não construídos do arquiteto João Vilanova Artigas no Estado de São Paulo. Além da reflexão sobre os projetos, a partir da análise de alguns exemplares, o artigo propõe-se a discutir o processo de projeto e a contribuição deste importante arquiteto para a arquitetura brasileira. Este texto é parte da Tese de Doutorado que está sendo desenvolvida na FAUUSP desde 2009.

A metodologia adotada na pesquisa realizada envolve a produção de desenhos diagramáticos e de modelos físicos, com o auxílio da cortadora a laser, a partir de desenhos pouco divulgados até o momento de projetos não construídos, pertencentes ao acervo digital da Biblioteca da FAUUSP. A contribuição original desta pesquisa reside na análise de projetos não construídos para melhor entendimento dos edifícios construídos do arquiteto. A intenção é buscar relações entre eles, tanto de partido arquitetônico como de soluções de projetos. Os resultados obtidos até o presente momento indicam que os modelos físicos contribuem para o aprofundamento da investigação de projetos não construídos, tanto sob o ponto de vista conceitual e estético como do funcional e técnico. Esta metodologia contribui substancialmente nas práticas pedagógicas, onde modelos físicos auxiliam a interpretar propostas de projetos não construídos a partir de edifícios construídos.

Neste texto apresentamos os primeiros resultados da pesquisa em andamento. Procuramos organizar os projetos analisados até o momento e classificar seus partidos¹, relacionando com alguns exemplares de obras construídas, partindo especialmente dos seguintes elementos

arquitetônicos que compõe a linguagem particular de Artigas: rampa, volumetria e estrutura, cobertura e estúdio. Seleccionamos doze projetos, que foram analisados até o momento, por desenhos e maquetes. Identificamos inicialmente sete partidos arquitetônicos que serão discutidos neste texto:

Quadro 1: Seleção dos projetos e identificação de partidos

	Partido Arquitetônico: Características predominantes	Residências
1	Projeto com volumetria única, baseada em uma planta quadrada, pátio central coberto e com iluminação zenital, programa distribuído em meios-níveis interligados por rampas.	1- residência para o Sr. José David Vicente (Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, Campinas, 1959) 2- residência para o Sr. Jorge Edney Atalla (Jaú, 1971)
2	Projeto com volume secundário adicionado à volumetria principal da casa, com forma e espaço definida pela estrutura. Distribuição do programa em dois pavimentos interligados por uma escada com banheiro no meio-nível.	1- residência para o Sra. Edith Leme Ianni (Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, São Paulo, 1960)
3	Projeto com volume secundário adicionado à volumetria principal da casa, com forma e espaço definida pela estrutura. Distribuição do programa em dois pavimentos interligados por uma rampa. Conformação de pé-direito duplo.	1- um dos dois projetos da residência José Vieitas Neto (São Paulo, 1968)
4	Projeto em terreno em declive, volumetria única, uso de rampas para interligação dos pavimentos distribuído em três níveis, iluminação zenital.	1- residência Sr. Waldemar Cordeiro (São Paulo, 1971)
5	Projeto onde a concepção da cobertura / estrutura define espaço e forma. Terreno em declive com distribuição do programa em dois pavimentos interligados por escada.	1- residência para o Sr. João Molina (Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, Jundiaí, 1959)
6	Projetos com volumetria única telhado com duas águas e empena cega nas laterais. Distribuição do programa em dois pavimentos principais interligados por escada. Pé-direito duplo.	1- residência Sr. José Franco de Souza (Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, São Paulo, 1958) 2- residência Dr. Elias e Dona Maná (1981) 3- residência Sra. Márcia Nemes Yano (1974)
7	Projetos com dois volumes principais e adoção do telhado “asa de borboleta”.	1- uma das residências para o loteamento na Vila Romana para Sr. Leo Ribeiro de Moraes (1945), 2- residência Sra. Jeny Khury (1948) 3- um dos três projetos não-construídos para Sr. Manoel Antonio Mendes André (1951)

O método utilizado, o objetivo e a organização e apresentação dos desenhos dos projetos, muitos deles ainda não publicados no Brasil, se apresentam como contribuição original desta pesquisa. É importante destacar e citar devidamente que, no Brasil, o método e a abordagem deste tema são inéditos, sendo as pesquisas orientadas pelo Professor Wilson Florio (FAU Mackenzie e Unicamp) pioneiras neste tipo de abordagem (estudo de projetos não-construídos) e no método, utilizando modelos computacionais para o estudo de projetos não-construídos dos arquitetos brasileiros Paulo Mendes da Rocha (SILVA, 2007), Lina Bo Bardi (SANTIAGO, 2008) e Vilanova Artigas (SAKON, 2009).

2. PROJETO, DESENHO E INTENÇÃO

Todos os projetos desenvolvidos ao longo da carreira de um arquiteto, construídos ou não, possuem sua importância para o conjunto da obra de um arquiteto. Neste sentido, pode-se afirmar que projetos não construídos, em muitos casos, contribuíram para a formação de idéias importantes, e que, em alguns casos, culminaram em obras construídas de grande importância. Portanto, este tipo de projeto faz parte do pensamento que norteou o percurso da obra do arquiteto, e possui seu valor dentro de sua obra.

Há várias razões para que um projeto não tenha sido concretizado, como a falta de recursos financeiros ou tecnológicos, prioridades do cliente ou o caráter experimental, sem a intenção de ser *executável*. Historicamente, tem-se conhecimento de alguns projetos propostos sem a intenção final de realização. Alguns utópicos, outros considerados visionários ou até mesmo futuristas em sua época. Apesar disso, muitos projetos de importância na arquitetura, e que nunca foram construídos, impulsionaram e inspiraram novas ideias e fizeram parte da formação de gerações de arquitetos.

No texto “*O Desenho*”, Artigas discute sobre o sentido desta palavra e de seu significado. Para o arquiteto, o objetivo final de um desenho, de um projeto, era de fato a construção em si. O desenho, portanto, para ele, seria um meio para se atingir seu objetivo final, a obra construída. Entretanto, em seu texto fica evidente também a importância do desenho como intenção, plano, desígnio, expressão, linguagem e especialmente a idéia. Como observou Rafael Perrone (1993, p.352) a respeito da arquitetura futurista, *não se pode confundir a inexistência de obras construídas significativas com a ausência de um projeto*. Projetos não construídos têm seu valor, não só pelas idéias e conceitos que incorpora, mas como manifestação do pensamento do arquiteto.

A natureza do tema muitas vezes condiciona e sugere outros termos e significados, como projeto ou desenho imaginário, visionário, utópico, fantasioso, especulativo, virtual, futurista ou ideal, utilizados muitas vezes como sinônimos.

Em sua Tese, Perrone (1993) evidencia a íntima união entre arquitetura e desenho, como signo que representa idéias de movimentos em diferentes períodos. Sendo o desenho um meio de expressão e de representação de idéias este artefato é parte integrante do processo de projeto. Assim, utilizamos o termo para refletir sobre o tema projetos não construídos.

Muitos projetos não construídos não tinham, de fato, a intenção original de ser construído na época de sua concepção. Posteriormente foram reconhecidos como um protótipo, um modelo e uma idéia visionária para o futuro. No entanto, o que foi considerado visionário numa dada época passada, pode ser perfeitamente normal e viável nos dias de hoje. (ROSENBLATT, 1968, p.322). George Collins (1979) observa que arquitetos com propostas visionárias geralmente são pensadores independentes e, ou até mesmo doutrinários, formando seguidores e Escolas. Mesmo com muitas obras construídas, Collins aponta Mies, Gropius, Corbusier e Wright como arquitetos visionários do século XX. Isto se deve ao fato de que grandes arquitetos não apenas projetaram para o presente, mas lançaram sementes para o futuro, a partir de idéias que rompiam com o padrão de suas respectivas épocas. Por outro lado, Arthur Rosenblatt assinala que arquitetos visionários apresentam *propostas caracterizadas pela completa independência do passado e uma alusão à tecnologia*. Entretanto, é importante assinalar que rupturas são raras e muitas vezes parciais, pois normalmente os fatos de uma realidade subjazem as grandes idéias, mas de um modo ainda não muito definido e claro para a maioria das pessoas.

Segundo Perrone (1993, p.32-33-49-66-202-203) desenhos visionários intentam indicar novas concepções de espaços, novas idéias, sem a obrigação com relação ao uso e sua exeqüibilidade, sem nenhum vínculo operativo. Já para George R. Collins (1979, p.244), desenhos visionários representam uma posição teórica e especulativa, considerada à frente do seu tempo, sem a intenção de se concretizar. Porém, como observou Rosenblatt estes projetos poderiam até a vir a ser construídos no futuro. Neste caso a idéia visionária intenta antecipar o futuro, como é o caso do do projeto da *Torre de Vidro* (Berlim, 1920-21-22) de Mies.

Na exposição *Living City* (Londres, 1963) Peter Cook apresentou a proposta para uma *Nova Universidade da Plug-in City*. Muitas idéias e condições que subjazem este projeto estavam presentes na década de 1960, mas de um modo não organizado e consciente. O mérito de projetos futuristas reside no fato de condensar as melhores idéias no presente, de um modo consciente, para lançá-las para o futuro próximo ou distante.

Segundo Vincent Scully Jr., suas idéias representavam uma *pseudofúria neofuturista*, caracterizada pela visão moderna e irônica do antigo. O projeto utópico não se concretizou, porém

Scully observa que a influência de seus projetos já produziu vencedores de concursos internacionais, como o Beaubourg de Piano e Rogers, em Paris (SCULLY, 2002, p.130; COOK, 1999, p.03).

O projeto da *City Tower* de Kahn não foi construído, porém seus vários estudos e desenhos influenciaram, de certo modo, trabalhos de outros arquitetos (JUAREZ, 2000), como o recente *Hearst Tower* (New York, 2006) de Norman Foster. Segundo George Collins (1979, p.244), projetos utópicos surgem como uma resposta a algum descontentamento na sociedade e a intenção de melhorá-la, num desejo por mudanças, alterando o foco da discussão. Fazem parte de uma utopia, uma crítica e uma proposta para se atingir algo considerado melhor para a sociedade de uma época. A crítica sobre a situação presente nasce da insatisfação e incertezas, de uma parcela da sociedade ou de alguém em particular, e cria condições para uma nova proposta para o futuro.

Segundo Robert Harbison (1991, p.156-157), que defende a tese de que a *idéia* é mais significativa do que a *coisa* construída, a *Torre de Babel*, foi o mais imaginário dos edifícios já proposto. A aspiração de construir o mais alto possível, unindo céu e terra, vencendo a tecnologia, presente no imaginário de Babel nunca deixou de existir (SKY;STONE, 1976, p.8-9).

Entre as especulações arquitetônicas dos anos de 1960 os projetos de Paolo Soleri merecem destaque (RAMÍREZ, 1988, p.239). Para Soleri resolver os problemas da vida moderna seria criar uma cidade verticalizada com mega-estruturas gigantes e utilização de espaços subterrâneos.

Projetos não construídos guardam em si um universo imaginário positivo e instigante. Alguns destes projetos constituem importantes laboratórios experimentais e representam grande importância dentro da obra do arquiteto. Investigar os projetos que estiveram presentes apenas no imaginário do arquiteto, e que estão registrados por meio de desenhos, possibilita a interpretação de idéias.

É importante destacar que grandes idéias normalmente são derivadas de um conjunto de pequenos avanços ao longo de um percurso mais extenso. Parece que as grandes idéias resultam de um trabalho árduo, intenso, de pequenas descobertas, até culminar em algo importante e significativo. Daí a importância de analisar projetos que antecederam grandes idéias. Obras consideradas menos importantes, mas que, de certa maneira, alicerçaram e criaram condições para o arquiteto atingir o seu ponto mais alto. Sua maturidade e consagração.

Como se pode notar, relevantes pesquisas realizadas atestam e certificam a importância do estudo destes projetos dentro da obra de um arquiteto e de um universo mais amplo. A importância reside não apenas na pesquisa histórica, crítica e de projeto, mas também experimentação de uma linguagem própria dentro do conjunto de sua obra.

3. PROJETOS RESIDENCIAIS DE ARTIGAS

João Batista Vilanova Artigas (1915-1985) foi um dos mais importantes e influentes arquitetos brasileiros do século XX. A relevância de sua obra não se restringe apenas a sua arquitetura, mas também dos seus escritos e dos seus ensinamentos, que contribuíram para a formação da arquitetura brasileira. Arquiteto, professor e intelectual, Artigas deixou projetos e obras importantes, que constituem a nossa cultura, renovando conceitos que até então estavam presos a um passado colonial e provinciano de São Paulo.

O arquiteto projetou cerca de 200 edifícios residenciais durante sua carreira, sendo que aproximadamente 20% deste total, são projetos não executados. Apesar desta grande quantidade de projetos residenciais que não se tornaram obras construídas, notamos uma carência no estudo sobre estes exemplares. Autores importantes (KATINSKY, 2003; FERRAZ, 1997; KAMITA, 2000; THOMAZ, 1997; ZEIN, 1984) destacam a importância de projetos de residências na obra do arquiteto. Esses fatos motivaram a presente pesquisa.

A obra residencial de Artigas procurou refletir a posição do arquiteto na sociedade de sua época. Materiais e técnicas construtivas foram fatores decisivos na mudança da linguagem do arquiteto. Além da mudança construtiva, ele também tinha a intenção de mudar o agenciamento e o programa da casa paulistana. Artigas acreditava que as mudanças na sociedade passaram a exigir uma nova postura dos arquitetos e artistas. Nota-se que durante o percurso de sua carreira, o arquiteto propôs mudanças na organização do programa, na setorização, circulação e conexão entre espaços da casa paulistana. Neste sentido, os projetos não construídos permitem identificar a seqüência de pequenos avanços, que contribuíram para o fortalecimento e maturação de suas idéias e obras mais importantes.

Dentre as pesquisas acadêmicas sobre a obra do arquiteto, selecionamos as que são referências nesta investigação. De modo geral, podem-se dividir as pesquisas em dois grupos, sendo o primeiro referentes à temática estritamente residencial (MIGUEL, 1999; TENÓRIO, 2003; OLIVEIRA, 2008; COTRIM, 2008; PETROSINO, 2009). O segundo está voltado para temas específicos ou mais amplos (BUZZAR, 1996; THOMAZ, 1997 e 2005; NASCIMENTO, 1997; CORREA, 1998; SUZUKI, 2000; IRIGOYEN, 2002; SEIXAS, 2003; GABRIEL, 2003; VALENTIM, 2003; WEBER, 2005; JUCÁ, 2006; ROSSETTI, 2007; IWAMIZU, 2008; CUNHA, 2009).

Os projetos selecionados para análise contêm informações relevantes sobre o processo de projeto do arquiteto, que fazem parte de sua obra e da consolidação de sua linguagem. A investigação de projetos não edificados amplia as possibilidades de interpretação de suas idéias, indagações, dúvidas e pensamentos.

A partir da pesquisa inicial no acervo digital da Biblioteca da FAUUSP, foram identificados em torno de 50 projetos residenciais de Artigas, que não foram construídos, sendo 39 no Estado de São Paulo. Observando estes projetos e desenhos, notamos sua importância na constituição e na definição de conceitos e de uma linha de pensamento própria dentro de sua obra. Sua linguagem particular e consolidação dependeram, de certa maneira, dos estudos, ensaios e experimentos realizados nestes projetos ainda pouco discutidos pelos pesquisadores.

A partir do ano de 1939, a arquitetura residencial realizada por Artigas passa por experimentações. O que atesta a importância do estudo de seus projetos residenciais é o fato que as mudanças não se configuraram de maneira linear, mas cíclica em alguns momentos, sendo que alguns projetos caracterizam a nova proposta, numa busca discreta em direção a uma linguagem própria. Como observou Dalva Thomaz (1997, p.93), Artigas trabalha nesta perspectiva, principalmente no contexto do projeto residencial paulistano.

Se na sua fase inicial Artigas ainda estava preso à tradição da construção do início do século, assim como no programa e intenção plástica, já na década de 1940, ele se desvincula da tradição e da dependência dos artesãos especializados, libertando-se para novas soluções formais e espaciais. Foi o primeiro passo para a construção de sua própria identidade como arquiteto.

É notável como cada fase possui algumas obras de referência que marcam avanços e às vezes rupturas com a fase anterior e consolida a nova linguagem. Entre uma fase e outra, observamos que houve várias residências não construídas que permitiram ao arquiteto experimentar e aprimorar novas soluções de projeto e novos partidos arquitetônicos.

Segundo Thomaz (1997, p.244), a residência *Olga Baeta* (1956) representa a abertura de novas perspectivas e se configura como um início de sua nova etapa de “experimentação”, com o uso do concreto estrutural. A obra sugere uma tentativa de Artigas de estabelecer uma nova concepção espacial, dentro da “moral construtiva” e da “expressão formal própria” do arquiteto. A partir da revisão de aspectos de nossa cultura, Artigas propõe um novo modo de habitar. O arquiteto identifica algumas inconsistências culturais na residência paulistana e, a partir disso propõe espaços mais coerentes e adequados aos novos usos e costumes.

Na residência *Bittencourt 2* (1956) notamos a idéia de “abrigo que promove relações humanas” (THOMAZ, 1997), concretizada com uma grande cobertura que protege e condiciona a solução formal do projeto. A estrutura de concreto aparente (cobertura, lajes, rampa e apoios), sintetiza a volumetria dos projetos residenciais desta fase.

Ruy Ohtake (KATINSKY, 2003, p.17) destaca a importância da residência Rubens de Mendonça (1958) e observa que Artigas manifesta a intenção de “romper” o volume e transformá-lo em superfície.

As residências *Baeta* (1956), *Bittencourt 2* (1956) e *Mendonça* (1958) se destacam em sua obra e são frequentemente citadas pelos pesquisadores da obra de Artigas. Entre os projetos não construídos destacamos os projetos para José Franco de Souza (1958), Marcia Nemes Yano (1974) e Elias e Dona Maná (1981), onde Artigas ensaia a volumetria semelhante à adotada na residência Baeta (1956), porém com organização programa e condicionantes diferentes.

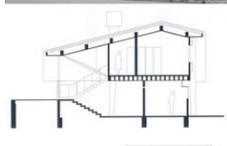


Figura 01: Res. Baeta (1956).
Fonte: Foto – KAMITA, 2000; Corte - Revista 2G, n.54, 2010

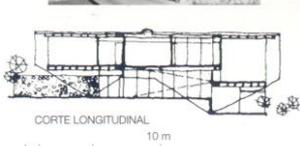


Figura 02: Res. Bittencourt 2 (1956).
Fonte: Foto: Acrópole, 1963. Corte: FERRAZ, 1997.

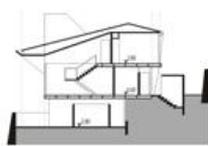


Figura 03: Res. José Franco de Souza (1958).
Fonte: Fabricação, fotos da maquete, re-desenho da Autora, 2010.



Figura 04: Res. Elias e Dona Maná (1981). Fonte: Fabricação, fotos da maquete, re-desenho da Autora, 2010.

Nas residências Artigas 2 (1949) e Czapski (1949) Artigas adota uma volumetria diferente das casas da época, com telhado invertido (asa de borboleta). Entre os projetos não construídos com esta volumetria identificamos um dos projetos para o loteamento para Leo Ribeiro de Moraes (1945), Jeny Khury (1948), Francisco Matarazzo Sobrinho (1949), Manoel Mendes André 2 (1951) e Amado Ferreira Mansur Gueiros (1951).

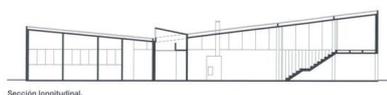


Figura 05: Res. Artigas 2 (1949).
Fonte: Foto – Autora 2011. Corte – Revista 2G, 2010.



Figura 06: Res. Leo Ribeiro de Moraes (1945).
Fonte: Fabricação, fotos da maquete, re-desenho da Autora, 2010.

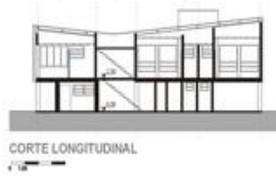


Figura 07: Res. Jeny Khury (1948).
Fonte: Fabricação, fotos da maquete, re-desenho da Autora, 2010.

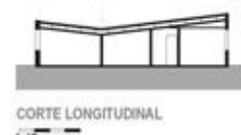


Figura 08: Res. Mendes André 2 (1951).
Fonte: Fabricação, fotos da maquete, re-desenho da Autora, 2010.

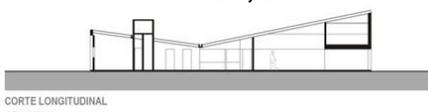


Figura 06: Corte residência Amado F. M. Gueiros (1951).
Fonte: re-desenho da Autora, 2010.

Observou-se também, que nos projetos das residências, não construídas, Hanns Victor Trostli (1958), José Guilherme Bianchi Benvedutti (1959), José David Vicente (1959), Henrique Villaboim Filho (1966), José Vieitas Neto (1968), Newton Bernardes (1969), Waldemar Cordeiro (1970), Jorge Edney Atalla (1971) e Gilberto e Elisa Perigo (1974), o arquiteto ensaiou o uso de rampas com distribuição do programa em meios-níveis, e, em alguns casos iluminação zenital.

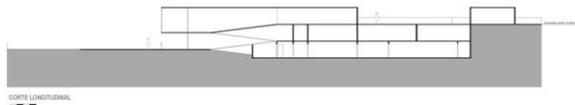


Figura 09: Corte da residência J.G. Benvedutti (1959).
Fonte: Re-desenho da autora, 2010.

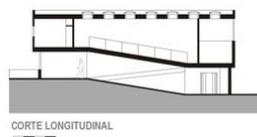


Figura 11: Corte da residência Henrique Villaboim Filho (1966).
Fonte: Re-desenho da autora, 2010.

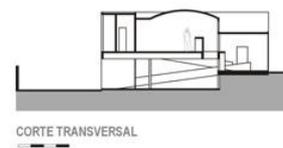


Figura 13: Corte da residência Newton Bernardes (1969).
Fonte: Re-desenho da autora, 2010.

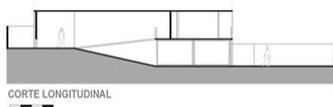


Figura 10: Corte da residência José David Vicente (1959).
Fonte: Re-desenho da autora, 2010.

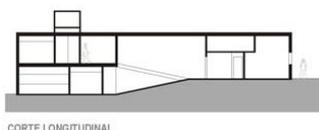


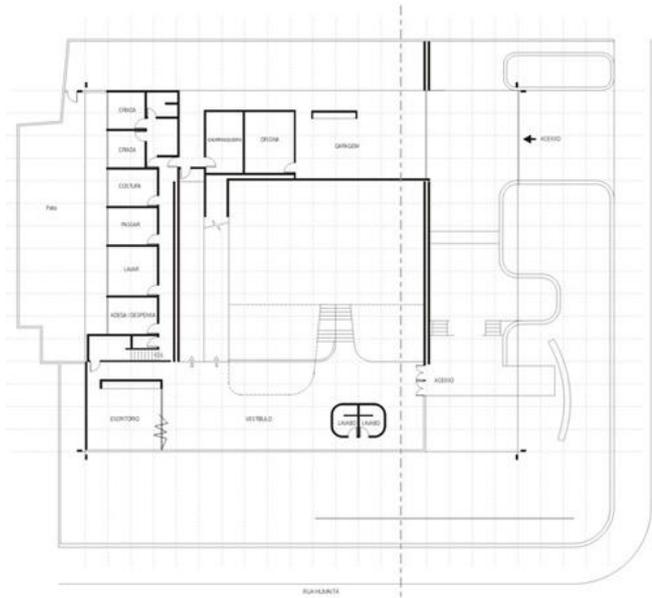
Figura 12: Corte da residência Hanns V. Trostli (1958). Fonte: Re-desenho da autora, 2010.

A partir da década de 1960 há um interesse do arquiteto em explorar o espaço residencial a partir de níveis intermediários, com o estúdio no meio nível, a continuidade dos espaços, sem interrupções rígidas, e do intenso uso do concreto (de diferentes modos). O arquiteto explorou novas possibilidades construtivas, espaciais e estéticas.

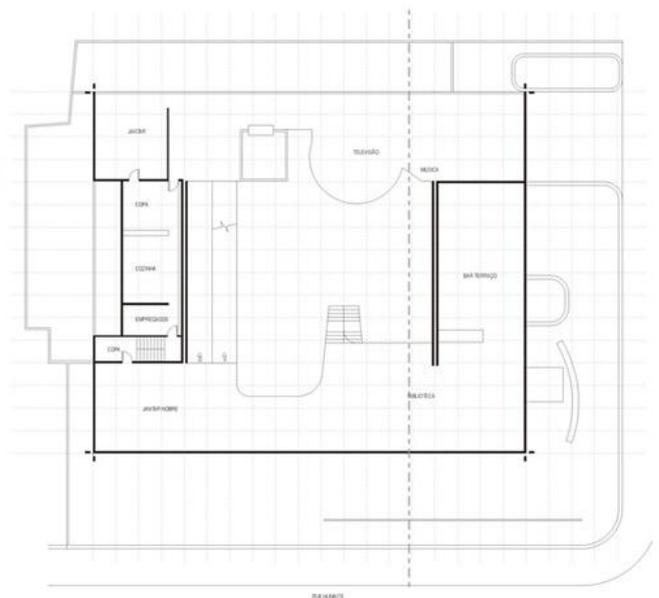
No presente texto, analisamos por meio da organização do programa dessas residências o arquiteto propunha uma nova concepção de espaço residencial. Neste artigo selecionamos doze projetos, que foram analisados até o momento, por desenhos e maquetes. Identificamos inicialmente sete partidos arquitetônicos que serão discutidos adiante. Desse modo, o artigo contribui para a investigação sobre o processo de projeto e, sobretudo, de projetos que constituem uma parte da história da obra de Artigas e da arquitetura brasileira.

4. ANÁLISES INICIAIS: IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE PARTIDOS ARQUITETÔNICOS

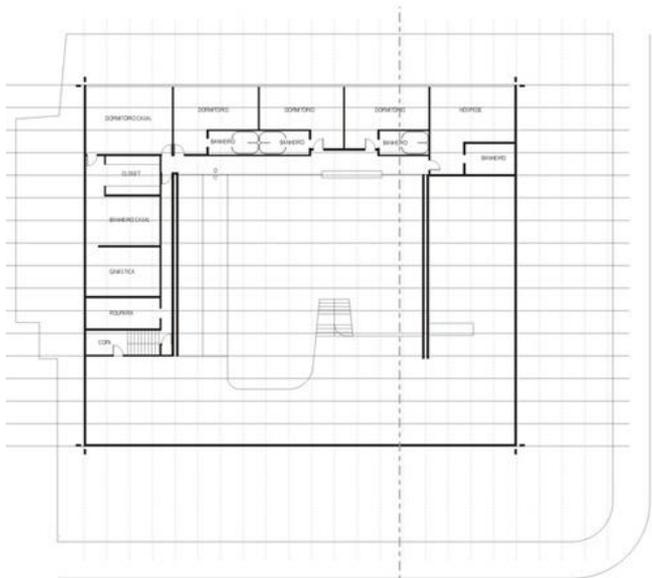
A partir da análise dos projetos selecionados identificamos e classificamos sete partidos arquitetônicos:



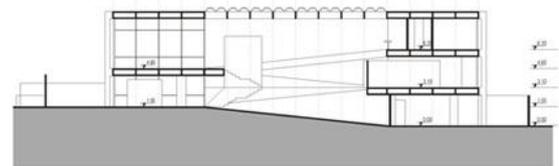
PLANTA PAVIMENTO TERREO



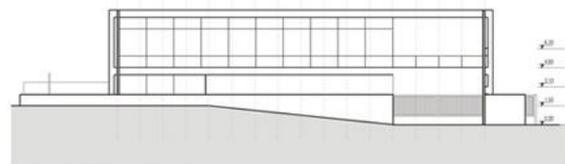
PLANTA PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO



PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR



CORTE LONGITUDINAL



ELEVAÇÃO RUA 7 DE SETEMBRO

Figura 16: Plantas, corte e elevação projeto para residência Jorge Edney Atalla, 1971.
Fonte: Re-desenho da autora, 2010.

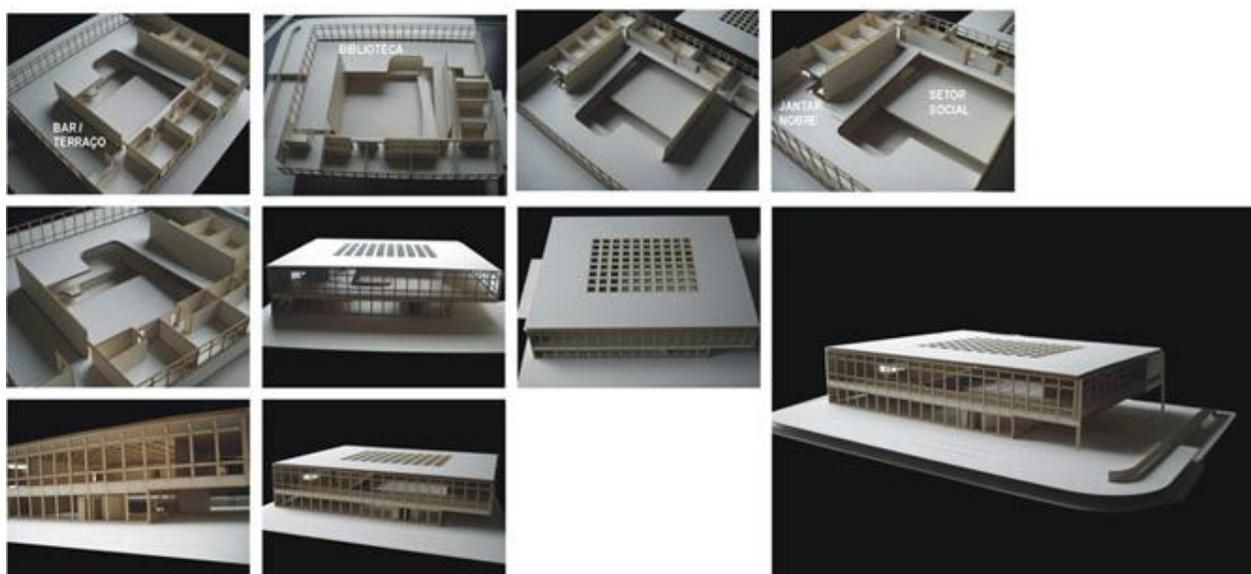


Figura 17: Fotografias maquete da residência para Jorge Edney Atalla.
Fonte: Fabricação e fotos da maquete, Autora, 2010.

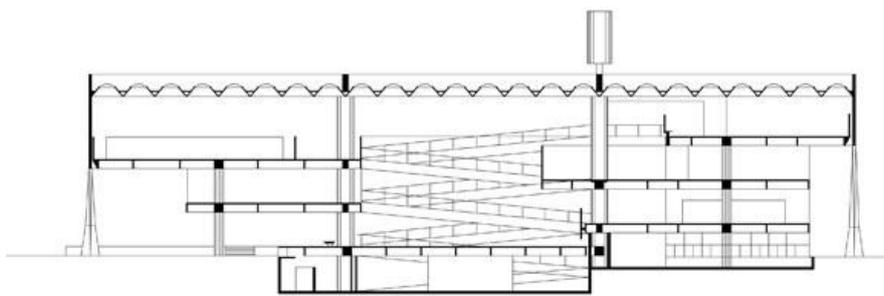


Figura 18: Corte do edifício da FAUUSP (Artigas e Cascaldi, 1961). Fonte: RIBEIRO, 2001.

A partir da análise da organização do programa, setorização, circulação e volumetria das residências José David Vicente e Jorge Edney Atalla, notamos que os dois projetos possuem distribuição do programa em meios níveis interligados por rampa, planta quadrada e configuração de um pátio central coberto com iluminação zenital. Há também a presença do estúdio, localizado no pavimento de acesso pela rua. As rampas participam do espaço, interligando os ambientes e valorizando o pé-direito duplo do pátio central.

As duas residências possuem planta bi-nuclear, com a presença de rampas e escadas. No projeto da *residência Atalla*, escadas e rampas se encontram próximas, interligando os mesmos setores e ambientes. Neste projeto há também um núcleo de circulação vertical secundário, com uma pequena escada que atende apenas o setor de serviço. Na *residência David Vicente* a rampa interliga todos os setores da casa, e a escada helicoidal externa atende apenas o setor de serviço ao íntimo.

Artigas distribuiu o setor social da *residência Atalla* em três pavimentos. Na *residência David Vicente* o setor social se distribui em dois pavimentos. Nas duas residências o piso superior é exclusivo do setor íntimo. A característica mais marcante nestes dois projetos é a utilização da rampa como elemento arquitetônico unificador de espaços, que permite a continuidade visual e espacial.

As duas residências se localizam num terreno de esquina e possuem duas fachadas voltadas para a rua. Na *residência Atalla* o setor social é o que possui maior proximidade com a rua, enquanto o setor de serviço é o mais distante. A *residência David Vicente* possui setor social e íntimo voltados para a rua e setor de serviço voltado para o fundo do lote.

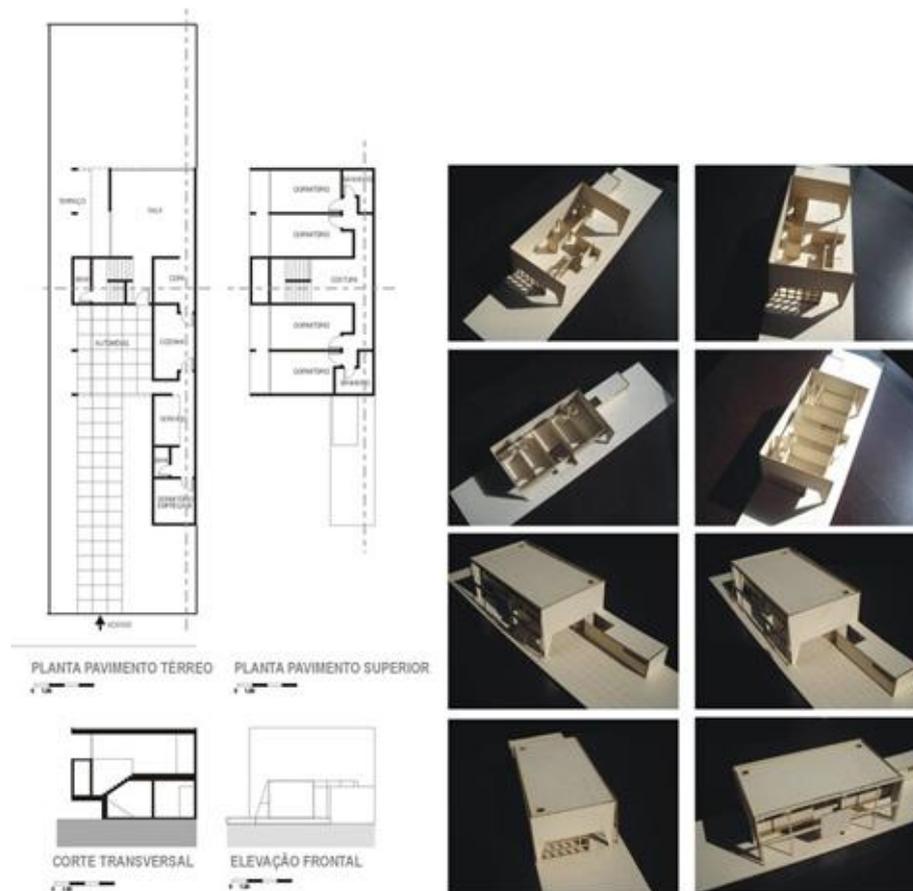
O espaço destinado ao estudo e trabalho (em ambos os projetos denominado *escritório*, conforme desenhos originais do acervo digital da FAUUSP) se localiza no pavimento no nível da rua, intermediário aos pavimentos inferior e superior, interligados por rampas, o que reforça a idéia do *estúdio* como ambiente que permite a unificação espacial e continuidade visual.

Nos dois projetos podemos observar uma íntima relação entre forma, espaço e estrutura. Nestes casos, a estrutura do edifício parece condicionar a forma, numa volumetria única que inclui o desenho da cobertura, gerando um espaço integrado, onde acontece a organização dos ambientes internos. A partir dos desenhos disponíveis, podemos dizer que a estrutura atua como elemento compositivo e ordenador do espaço nestes projetos.

Apesar de se tratar de programas e finalidades distintas, podemos estabelecer similaridades em relação entre o partido das duas residências e o adotado para o edifício que abriga a FAUUSP (Artigas e Cascaldi, 1961). Algumas características de partido são comuns a estes projetos, como: mono-volume; organização do programa em meios-níveis interligados por rampas, que permitem a continuidade visual e unificação espacial; configuração de um pátio central com iluminação zenital; a relação entre forma, espaço e estrutura abrigados sob uma grande cobertura.

2º Partido: Projeto com volume secundário adicionado à volumetria principal da casa, definida pela estrutura. Distribuição do programa em dois pavimentos interligados por uma escada com banheiro no meio-nível.

Residência para o Sra. Edith Leme Ianni (Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, São Paulo, 1960)



**Figura 19: Plantas, corte e elevação projeto para residência Edith Leme Ianni (1960).
 Fonte: Re-desenho da autora, 2010. Fotografias da maquete.
 Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010.**

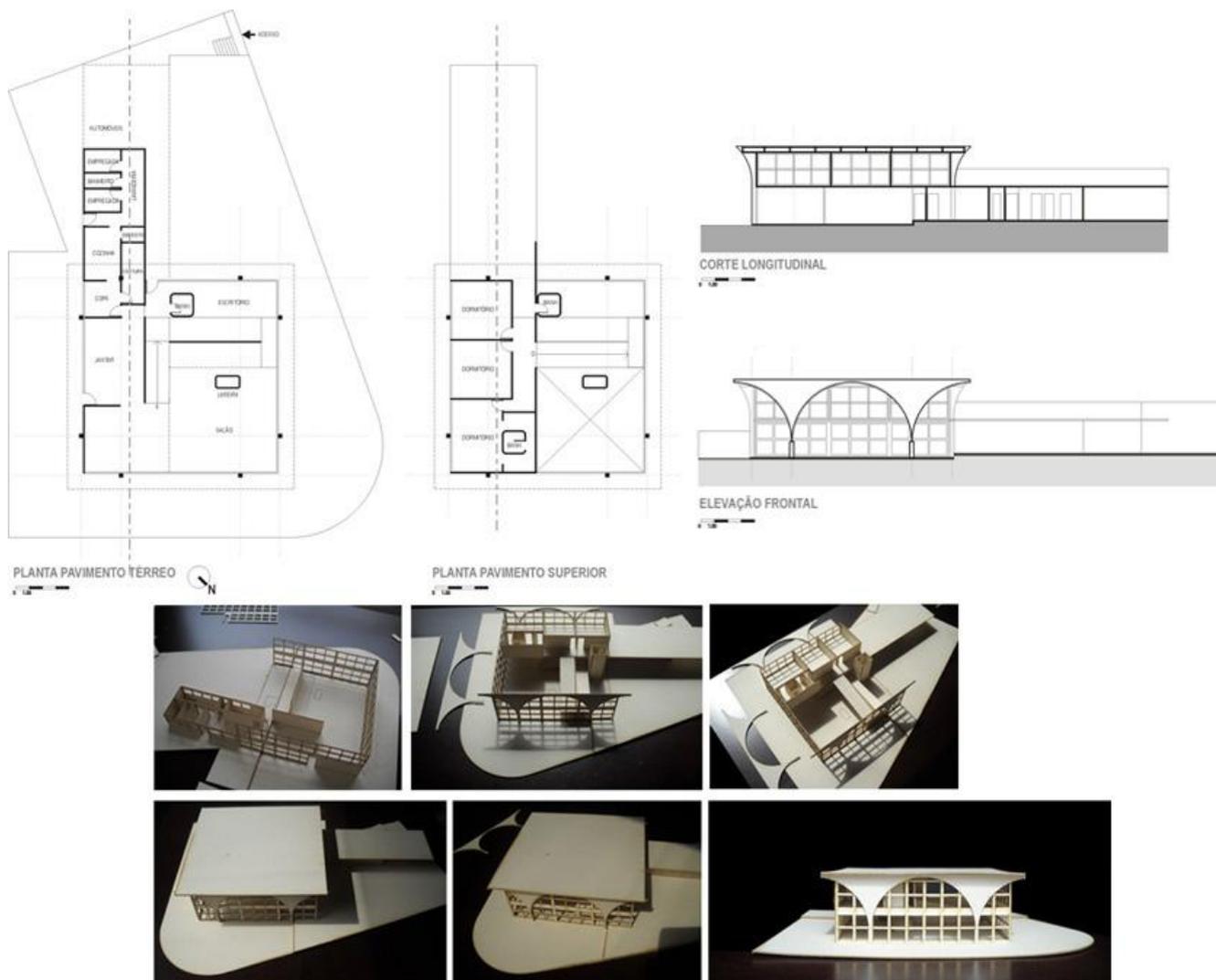
Analisando a organização do programa, setorização, circulação e volumetria da *residência Edith Leme Ianni*, notamos a distribuição do programa em dois níveis principais interligados por uma escada, e a presença de um banheiro no meio-nível intermediário aos pavimentos principais. A volumetria é condicionada pela concepção da estrutura e cobertura, com a presença de um volume secundário menor na parte frontal do lote, que abriga parte do setor de serviço.

Na *residência Ianni* não há a presença do estúdio. A organização dos setores é clara, sendo que o setor social se encontra no piso térreo juntamente com o setor de serviço. O piso superior é destinado ao setor íntimo. No piso térreo, o volume que parece ser adicionado à volumetria principal abriga parte do setor de serviço, que fica próximo à rua. Na *residência Ianni* o setor social se volta para a parte posterior e lateral esquerda do lote

Neste projeto podemos observar uma íntima relação entre forma, estrutura e a ordenação dos espaços internos. A concepção da estrutura do edifício parece condicionar a forma, numa volumetria principal única e cobertura, e a organização dos espaços internos.

3º Partido: Projeto com volume secundário adicionado à volumetria principal da casa, com forma e espaço definida pela estrutura. Distribuição do programa em dois pavimentos interligados por uma rampa. Conformação de pé-direito duplo no setor social.

Um dos dois projetos não construídos da residência José Vieitas Neto (São Paulo, 1968).



**Figura 20: Plantas, corte e elevação um dos dois projetos para residência José Vieitas Neto (1968).
Fonte: Re-desenho do autora, 2010. Fotografias da maquete.
Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010**

Analisando a organização do programa, setorização, circulação e volumetria da *residência José Vieitas Neto* observamos que o programa é organizado em dois pavimentos interligados por rampas.

A volumetria é condicionada pela concepção da estrutura e cobertura, com a presença de um volume secundário menor, que abriga parte do setor de serviço.

No projeto para *Vieitas Neto* o estúdio se localiza no pavimento térreo, ao lado do acesso social da casa. O pé-direito duplo permite que as rampas sejam soltas no espaço.

O setor social, que se volta para a rua, se encontra no piso térreo juntamente com o setor de serviço. O piso superior é destinado ao setor íntimo. No piso térreo, o volume secundário abriga parte do setor de serviço.

4º Partido: Projeto em terreno em declive, mono-volume, uso de rampas para interligação dos pavimentos distribuído em três níveis, iluminação zenital.

Residência Sr. Waldemar Cordeiro (São Paulo, 1971).

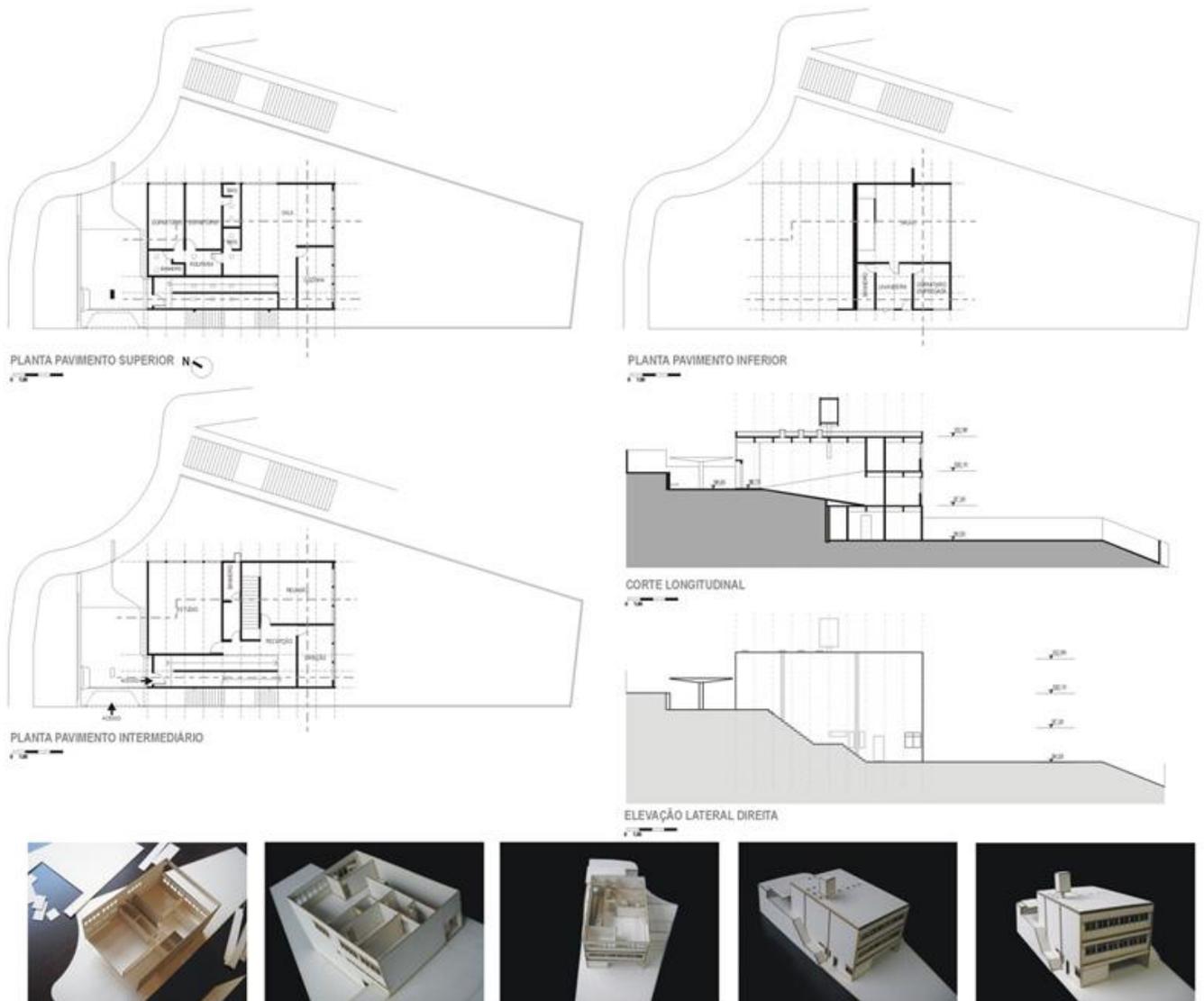


Figura 21: Plantas, corte e elevação projeto para residência Waldemar Cordeiro (1971).

Fonte: Re-desenho da autora, 2010. Fotografias da maquete.

Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010.

A partir da análise da organização do programa, setorização, circulação e volumetria da *residência Waldemar Cordeiro*, notamos a distribuição do programa em três níveis (inferior, térreo e superior) num terreno em declive. O pavimento inferior é interligado ao térreo por uma escada enclausurada, enquanto entre os pavimentos térreo e superior a circulação vertical acontece por meio de rampas, também enclausurada. O projeto possui volumetria única, laje plana e iluminação zenital em alguns ambientes. O espaço destinado para abrigo do automóvel é destacado da volumetria única do projeto, numa pequena cobertura sem fechamentos.

O programa desta residência é composto não apenas pelos setores comuns ao projeto de uma casa (social, serviço e íntimo), mas também, ambientes destinados a atuação profissional do cliente, que era artista plástico. A organização dos setores ocorre de maneira clara. O piso

superior é destinado aos setores do programa residencial (social, serviço e íntimo). O piso térreo é destinado aos ambientes de trabalho (estúdio, sala de reuniões, direção e recepção). E o piso inferior abriga parte do setor de serviço com a lavanderia e aposentos de empregados, e também um salão. Neste caso o pavimento térreo é o que mais tem proximidade com a rua, onde se encontra as funções de trabalho do cliente.

Neste projeto podemos dizer que a concepção da forma e estrutura condicionou a organização do programa nos espaços internos. A volumetria única e perímetro regular revelam que esta concepção estrutural e formal como elemento compositivo e ordenador do espaço.

5º Partido: Projeto onde a concepção da cobertura / estrutura define espaço e forma. Terreno em declive com distribuição do programa em dois pavimentos interligados por escada.

Residência para o Sr. João Molina (Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, Jundiaí, 1959)

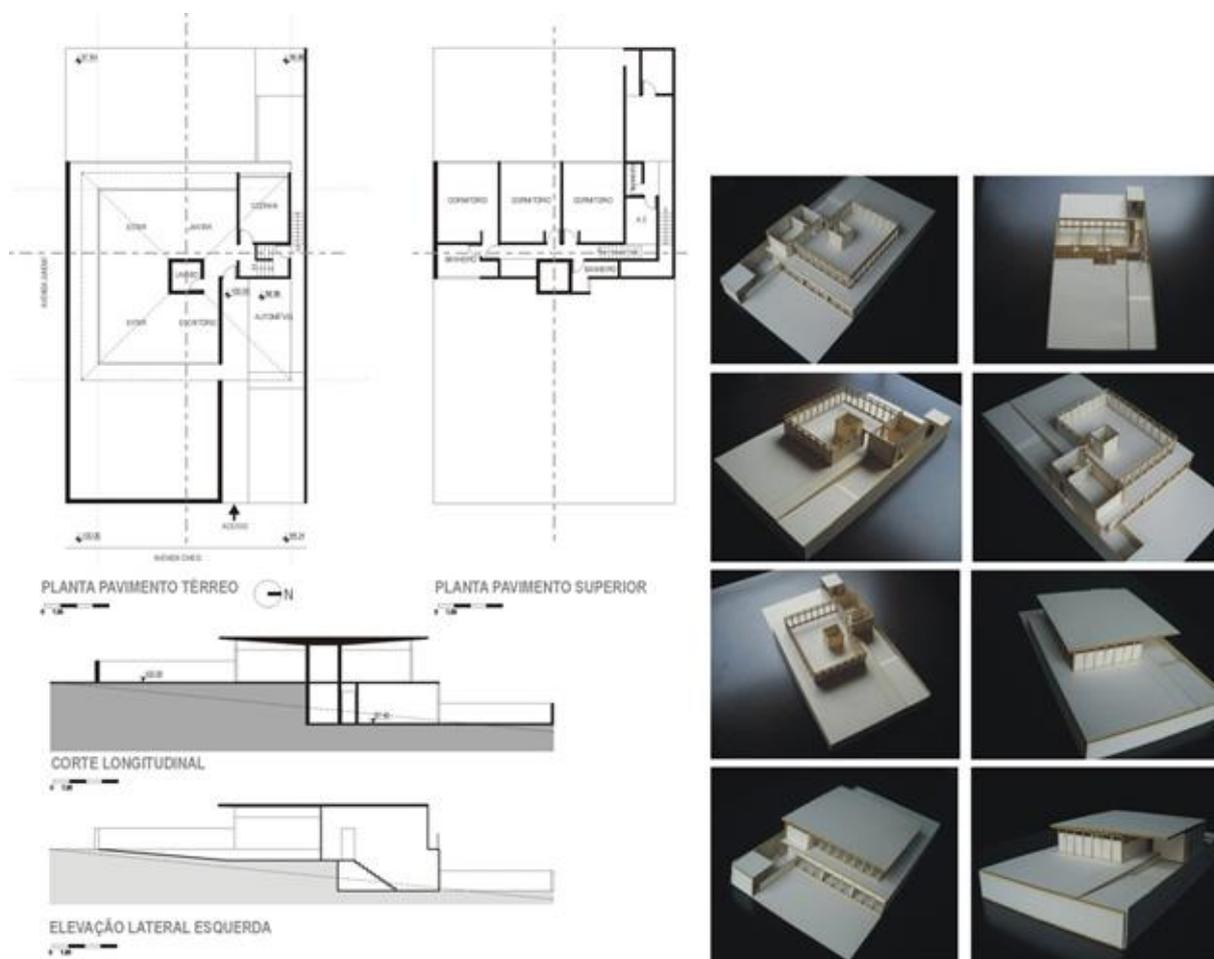


Figura 22: Plantas, corte e elevação projeto para residência João Molina, 1959 (Elevação: Interpretação da autora). Fonte: Re-desenho da autora, 2010. Fotografias da maquete. Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010.

Com base na análise da organização do programa da *residência João Molina* notamos que o partido é definido pela concepção da cobertura / estrutura da casa. Num terreno em declive, o programa foi distribuído em dois pavimentos, o térreo e inferior. Porém, vista da rua, a casa parece ter apenas um pavimento. O projeto é definido pela grande cobertura, com apoio no centro

da planta quadrada. A cobertura foi concebida de tal maneira que parece flutuar, pois não há apoios nas extremidades.

A residência possui um núcleo de circulação vertical interna composta por uma escada enclausurada, que articula os setores por sua localização funcional, ao lado do acesso principal da casa. Há também uma escada externa localizada no recuo do lote.

O piso térreo abriga o setor social, voltado para frente, fundo e lateral esquerda do lote, e parte do setor de serviço, que se volta para o fundo do lote, enquanto no piso inferior se encontra o setor íntimo e parte do de serviço, ambos voltados para o fundo do lote. O setor social é aberto, sem paredes, e abriga também o escritório (na planta original não há legenda, mas o desenho do mobiliário revela um ambiente de trabalho).

No piso inferior há um pequeno volume pertencente ao projeto, destacado da volumetria principal que compõe a residência. No desenho original que tivemos acesso (pertencente ao acervo digital da Biblioteca da FAUUSP) não há legenda do que se refere à função deste espaço, que é provável que tenha sido concebido para abrigar parte do setor de serviço.

Neste projeto podemos observar uma íntima relação entre forma, espaço e estrutura/cobertura. A concepção da estrutura e cobertura do edifício condiciona a forma, volumetria e a organização dos espaços internos. A partir dos desenhos disponíveis, podemos dizer que a estrutura atua como definidor do partido, e também como elemento compositivo e ordenador do espaço.

Este projeto se difere dos outros projetos de Artigas no que diz respeito ao partido adotado. Os projetos de Artigas costumam apresentar apoios no perímetro da planta, com desenhos elaborados e diferenciados de pilares. Nesta residência a cobertura se apóia apenas no centro da planta, liberando o perímetro para fechamentos leves e transparentes. Um partido que parece não ter sido explorado pelo arquiteto em outros projetos.

6º Partido: Projetos com volumetria única, telhado com duas águas e empena cega em fachadas opostas. Distribuição do programa em dois pavimentos principais interligados por escada. Pé-direito duplo.

Residências Sr. José Franco de Souza (Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, São Paulo, 1958); Dr. Elias e Dona Maná (1981); Sra. Márcia Nemes Yano (1974)

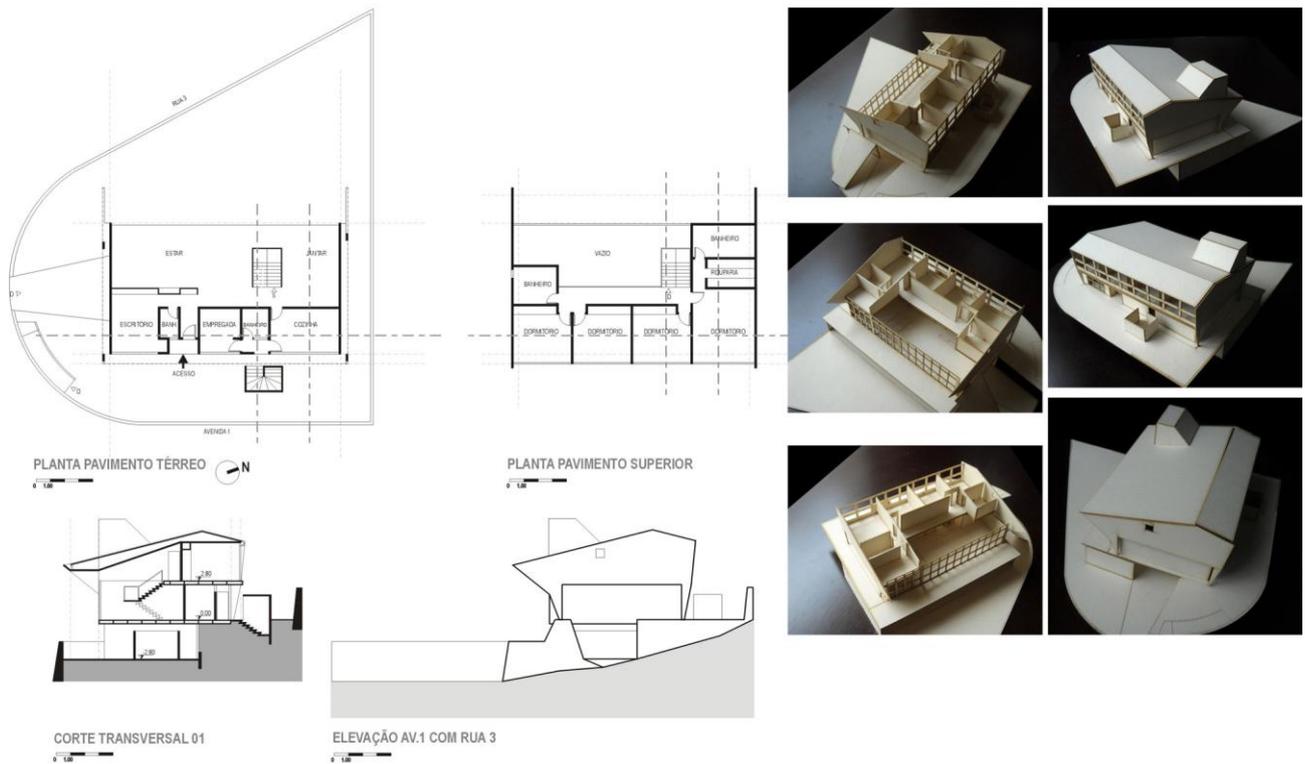


Figura 23: Planta, corte e elevação projeto para residência José Franco de Souza, 1958.
 Fonte: Re-desenho da autora, 2010. Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010.

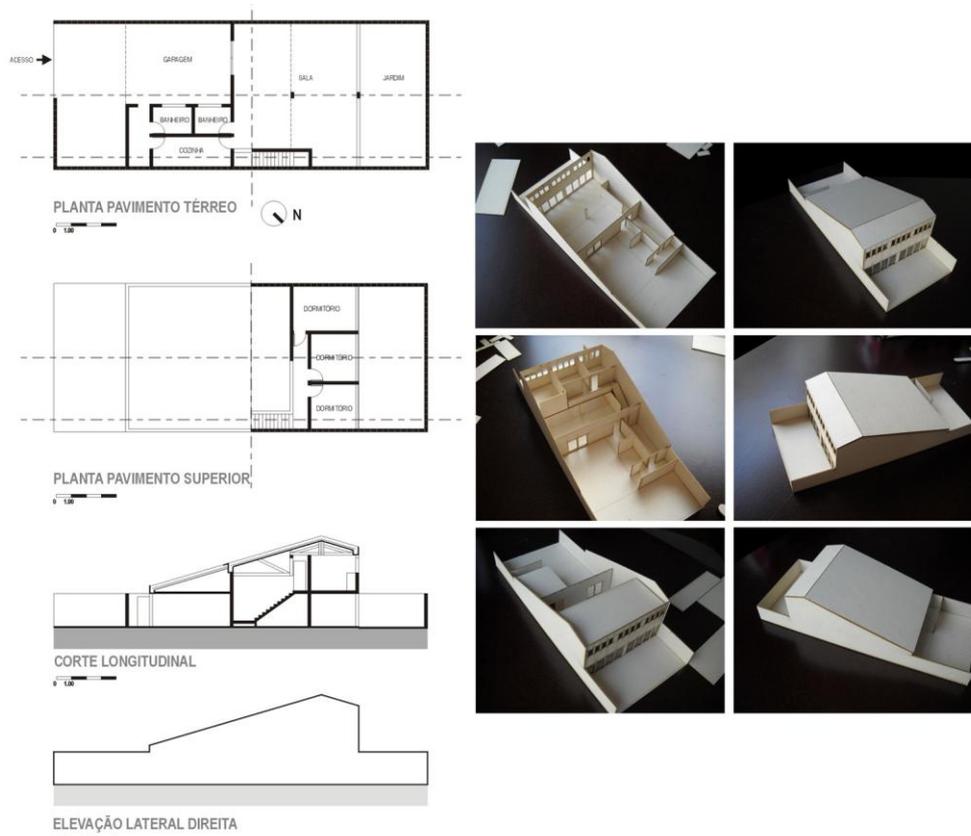


Figura 24: Planta, corte e elevação projeto para residência Márcia Nemes Yano, 1974.
 Fonte: Re-desenho da autora, 2010. Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010.

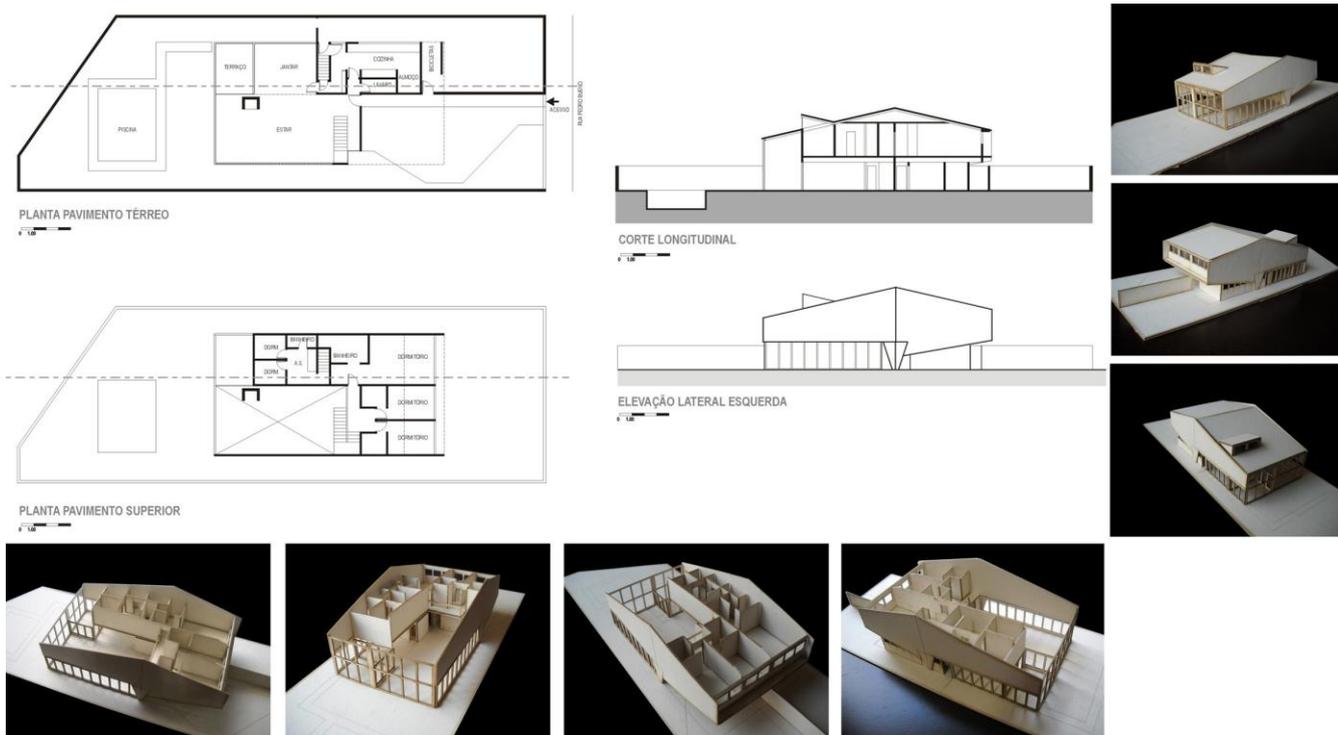


Figura 25: Planta, corte e elevação projeto para residência Elias e Dona Maná, 1981. Fonte: Re-desenho da autora, 2010. Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010.

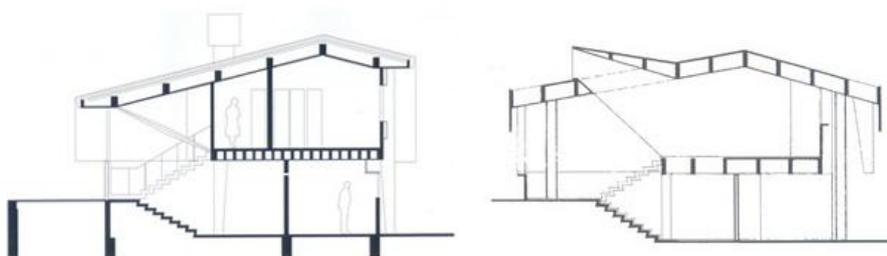


Figura 26: (a esquerda) Corte transversal da Residência Olga Baeta (Vilanova Artigas e Carlos Cascardi, São Paulo, 1956). Fonte: Revista 2G, n.54, 2010. (a direita) Corte transversal da Residência Álvaro de Freitas (São Paulo, 1968). Fonte: FERRAZ, 1997.

A partir da análise da organização do programa, setorização, circulação e volumetria das residências *José Franco de Souza*, *Elias e Dona Maná*, *Márcia Nemes Yano*, notamos que os três projetos possuem um espaço com pé-direito duplo no setor social e o balcão de mezanino, que abriga a circulação do setor íntimo.

Nas residências *Elias e Dona Maná* e *Franco de Souza* há dois núcleos de circulação vertical (bi-nuclear), compostos por escadas, um que atende o setor de serviço e outro os setores social e íntimo. Nestes dois projetos, há um pequeno volume, que parece ser adicionado à volumetria única da casa. Este pequeno volume possui aberturas (janelas) de ambientes do setor íntimo e de serviço localizados no piso superior.

A organização dos setores no projeto *Elias e Dona Maná* se difere dos outros, pois parte do setor de serviço se localiza no piso superior, porém com circulação independente do setor íntimo. Nas residências *Franco de Souza* e *Yano* o piso superior é exclusivo do setor íntimo.

Nos três projetos observamos que o setor de serviço e íntimo estão voltados para a rua enquanto o setor social possui maior privacidade voltado para a parte posterior do lote.

No projeto da casa para Elias e Dona Maná a escada que liga o setor social e íntimo é aberta. Na casa Franco de Souza pode ser considerado um elemento arquitetônico em destaque, solto no ambiente de estar social. Na residência Yano a escada é enclausurada.

A *residência Franco de Souza* está localizada num terreno de esquina o que torna as duas fachadas voltadas para a rua de igual importância. Este é o único projeto que apresenta o estúdio, localizado no piso térreo, a esquerda do acesso social da casa.

A *residência Yano* foi projetada para a cidade de Peruíbe e talvez por este motivo, tenha uma implantação diferente dos outros projetos. O projeto “encosta” nos limites do lote e não há recuos laterais. Enquanto os outros dois projetos são para a cidade de São Paulo, observamos a implantação com os recuos obrigatórios.

Nas três residências podemos observar uma íntima relação entre forma, espaço e estrutura. Nestes casos a estrutura do edifício parece condicionar a forma, numa volumetria única que inclui o desenho da cobertura, e a organização dos espaços internos. A partir dos desenhos disponíveis, podemos dizer que a estrutura atua como elemento compositivo e ordenador do espaço nestes projetos.

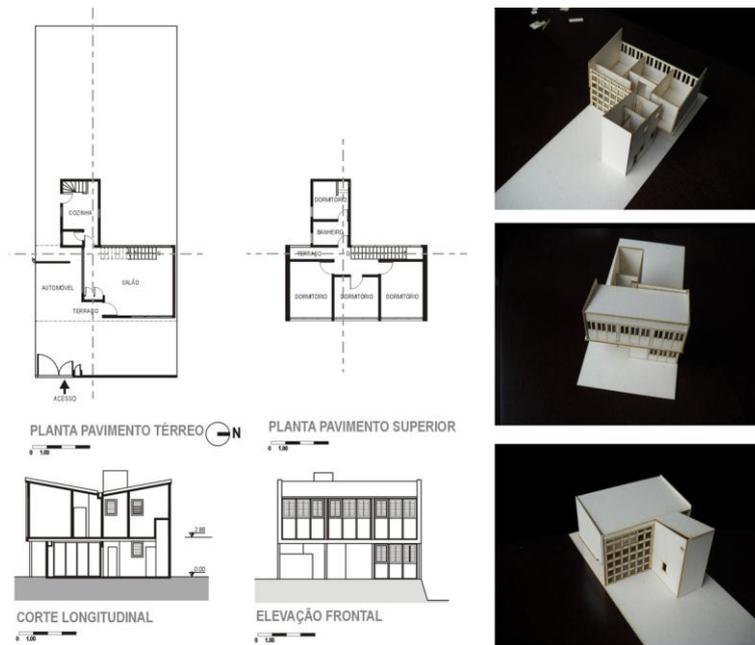
A partir dos desenhos destes três projetos estabelecemos uma relação de projeto com o desenho do corte das residências construídas Olga Baeta (Artigas e Cascaldi, São Paulo, 1956) e da residência Álvaro de Freitas (São Paulo, 1968). Algumas características de projeto são comuns a estas residências, como: a relação entre forma, espaço e estrutura, telhado de duas águas, volumetria única e empenas cegas em fachadas opostas.

Nos projetos Franco de Souza (1958) e Elias e Dona Maná (1981) também há a semelhança com relação ao volume “adicionado” na cobertura, como na casa Álvaro de Freitas (1968), como pode ser observado pelo corte transversal. Volume que possui abertura para ambientes do piso superior.

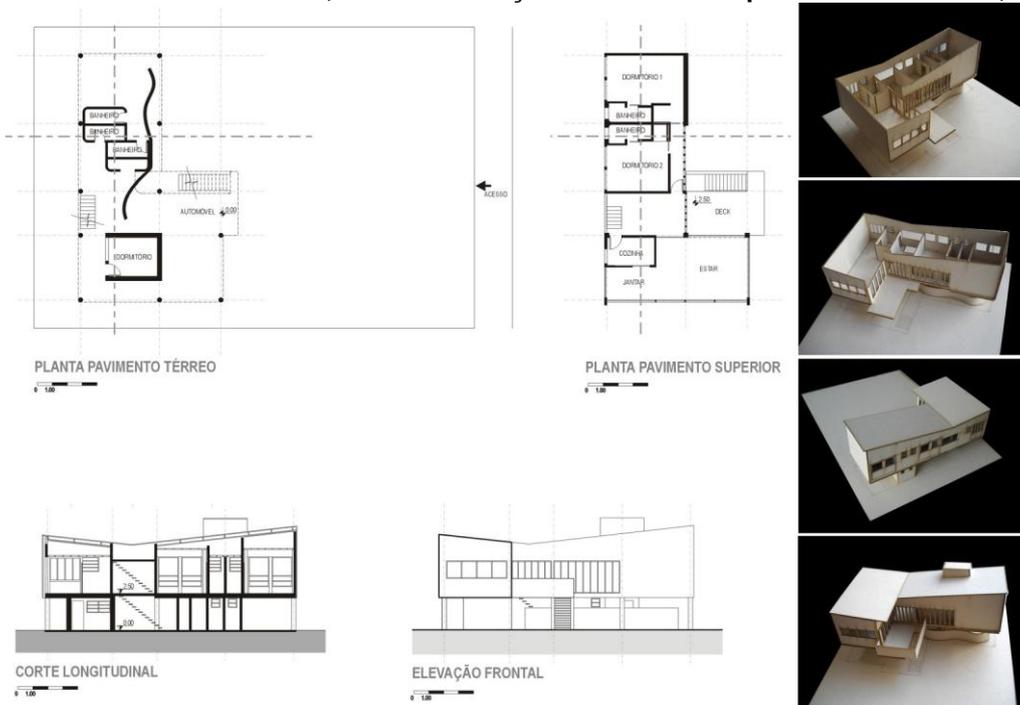
No entanto a organização do programa não se assemelha, visto que nenhum dos projetos não-construídos deste partido (*Franco de Souza, Yano e Elias e Dona Maná*) o programa foi distribuído em meios-níveis como nas *Casas Baeta e Freitas*.

7º Partido: Projetos com dois volumes principais e uso de telhado “asa de borboleta”

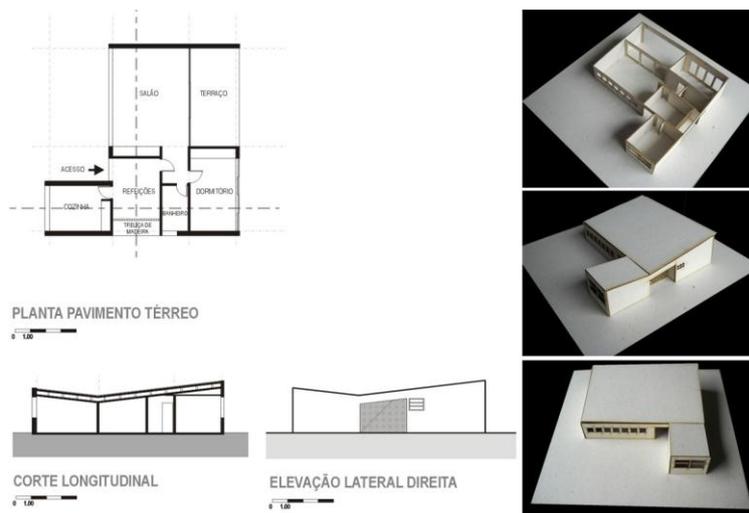
Uma das residências para o loteamento na Vila Romana para Sr. Leo Ribeiro de Moraes (1945), Sra. Jeny Khury (1948); Um dos três projetos não-construídos para Sr. Manoel Antonio Mendes André (1951).



**Figura 27: Planta, corte e elevação projeto para residência Léo Ribeiro de Moraes (1945).
Fonte: Re-desenho da autora, 2010. Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010.**



**Figura 28: Planta, corte e elevação projeto para residência Jeny Khury (1948).
Fonte: Re-desenho da autora, 2010. Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010.**



**Figura 29: Planta, corte e elevação projeto para residência Mendes André 2 (1951).
Fonte: Re-desenho da autora, 2010. Fabricação e fotos da maquete. Fonte: Autora, 2010.**

Analisando a organização do programa, setorização, circulação e volumetria das *residências Leo Ribeiro de Moraes, Jeny Khury e Mendes André 2* podemos observar algumas características comuns entre os projetos. Nos três projetos há dois blocos que configuram a volumetria da casa e também uma planta em “L”. Esta conformação cria um núcleo articulador entre os blocos, que serve tanto de acesso como distribuição de setores.

Analisando a organização dos setores com relação à rua, o único projeto que possui setor de serviço próximo à rua é a *Mendes André 2*, uma característica que será mais presente nos projetos residenciais da década de 1950 em diante. Os outros projetos possuem setor social e íntimo voltados para a rua e de serviço para o fundo do lote.

Com exceção do projeto para a residência *Mendes André 2*, que possui apenas um pavimento, as residências *Moraes e Khury* têm seus programas organizados em dois pavimentos. Neste núcleo de distribuição se encontra a escada, aberta e integrada ao ambiente da sala de estar na residência *Moraes*. Nos dois projetos com dois pavimentos, apesar de relativamente pequenos, há dois núcleos de circulação vertical (bi-nuclear), uma servindo ao setor social e íntimo e outra ao setor de serviço.

Os três projetos apresentam um espaço destinado para um terraço, que caracteriza um espaço de transição entre interior e exterior. Na *residência Khury* o terraço (deck) é descoberto, e atende a todos os setores da casa, pois se localiza na articulação entre os blocos. Na *residência Moraes* o terraço está localizado no piso superior, e atende ao setor íntimo. E na residência *Mendes André 2* o terraço se apresenta como um prolongamento do setor social.

A estrutura, domínio importante na obra de Artigas, apesar de não exposta, está presente na definição da volumetria e agenciamento dos ambientes das casas e a adoção deste tipo de cobertura proporciona variações de altura do pé-direito nos ambientes internos.

Segundo Dalva Thomaz (2005, p.227), o uso deste tipo de cobertura se deve em parte à indústria de fibrocimento, instalada no país na década de 1940, que favorecia a possibilidade de construir telhados com menor inclinação.

O telhado “asa de borboleta”, que já estava presente na proposta da residência não construída *Errázuriz* (Chile, 1930), de Le Corbusier, e também dos projetos residenciais da década de 1940 de Marcel Breuer, e influenciou diferentes propostas de projetos residenciais, de arquitetos como Oscar Niemeyer (*Res. Passos, 1939; Res. Charles Ofair, 1943*), Affonso Eduardo Reidy (*Res. Carmem Portinho, 1952*) e Vilanova Artigas (*Res. Antonio L. T. Barros, 1946; Res. Vilanova Artigas II, São Paulo, 1949; Res. Juljan Dieter Czapski, São Paulo, 1949 Res. D’Estefani, 1950*). Neste sentido podemos notar que o partido foi explorado por Artigas em vários projetos.

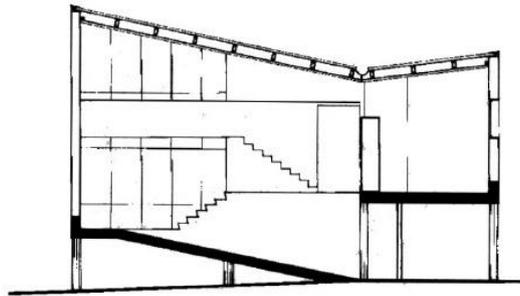


Figura 30: Corte transversal da residência Juljan Czapski (1949)
Fonte: RIBEIRO, 2001.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas análises realizadas até o momento, ainda em estágio inicial, foram identificados partidos e estabelecidas relações entre alguns projetos de residências não construídas e obras construídas. Por meio de desenhos e maquetes, analisamos aspectos espaciais e elementos arquitetônicos como a rampa, níveis, articulação e ligação, relação exterior-interior, estrutura e apoios, cobertura, volumetria e o espaço.

As maquetes físicas foram artefatos fundamentais para a identificação e compreensão de aspectos espaciais e formais, sobretudo como meio auxiliar para classificar os partidos arquitetônicos e sua relação com os conceitos defendidos pelo arquiteto. Os desenhos diagramáticos destacaram características comuns aos projetos de mesmo partido.

Nesta pesquisa é importante destacar o papel das maquetes físicas como um meio de investigação da organização das formas e espaços propostos pelo arquiteto. Durante sua produção pode-se notar melhor o partido arquitetônico de cada residência e visualizar, de um modo mais intenso, a relação entre acessos, setorização, circulação horizontal e virtual, conexão entre os pavimentos e aberturas.

As maquetes físicas permitiram aprofundar o entendimento dos espaços internos e suas relações com o exterior. De um modo mais tangível, pode-se perceber a relação entre a forma, dimensão e localização das aberturas e a iluminação natural dos ambientes.

Mais do que um meio de representação, a maquete, nesta pesquisa, assumiu um papel importante, como um meio para investigar os múltiplos domínios que constituem a proposta arquitetônica. Ao implantar a dentro do lote pode-se perceber melhor a relação entre os espaços fechados e os abertos, as relações entre a casa e a rua, entre o público e o privado.

As dilatações e contrações de espaços, cheios e vazios e suas relações com a estrutura e cobertura podem ser melhor apreciadas, uma vez que a maquete pode ser desmontada, permitindo visualizar as relações espaciais, internas e externas, entre diferentes setores.

Portanto, na ausência da obra construída, a maquete permite a proximidade com a materialidade do projeto e assim tem sido um artefato fundamental para a investigação de projetos não construídos.

Desse modo, o artigo contribui para a investigação sobre o processo de projeto e, sobretudo, de projetos que constituem uma parte da história da arquitetura brasileira. Os projetos estudados e apresentados neste texto revelam a importância da investigação destes desenhos.

Alguns projetos de Artigas executados são marcos reconhecidos da arquitetura moderna brasileira. No entanto outros projetos aguardam uma análise e reflexão mais detalhada. Porém, o que já se sabe é que muitas intenções, idéias discutidas e estudadas pelo arquiteto apresentam e caracterizam o caráter investigativo e reflexivo de sua obra. Este caráter investigativo, questionador e exploratório, tão importante para o avanço da arquitetura, é uma característica marcante da obra de Artigas.

Estes projetos certamente consumiram anos de trabalho, antes de serem guardados e arquivados, deixando para o esquecimento idéias e pensamentos. Estudar, analisar e escrever sobre estes exemplares implica retomá-los, não para validá-los, mas para reconstituí-los dentro de sua devida importância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio C. *Arte Moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- ARTIGAS, Vilanova. *Caminhos da arquitetura*. São Paulo: Lech, 1981
- BUZZAR, Miguel Antônio. *João Batista Vilanova Artigas – Elementos para compreensão de um caminho da arquitetura brasileira – 1938-1967*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 1996.
- COLLINS, George R. Visionary Drawings of Architecture and Planning: 20th Century through the 1960s. *Art Journal*, Vol.38. N.4 (Summer, 1979). Pp. 244-256.
- COOK, Peter. *Archigram*. New York: Princeton Architectural Press, 1999.
- CORREA, Maria Luiza. *Artigas: da idéia ao desenho*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 1998.
- COTRIM, Marcio. *Construir a casa paulista: O discurso e a obra de Artigas entre 1967-1985*. Tese de Doutorado, Barcelona, ETSAB, 2008.

COTRIM, Marcio. Diálogos imaginários: Marcel Breuer e Vilanova Artigas. *Arquitextos Vitruvius*. Setembro de 2005.

CUNHA, Gabriel R. *Uma análise da produção de Vilanova Artigas entre os anos de 1967 a 1976*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: EESC, 2009.

FERRAZ, Marcelo Carvalho (coord.). *Vilanova Artigas*. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi / Fundação Vilanova Artigas, 1997.

FLORIO, W. ; SEGALL, Mario L. ; ARAUJO, N. S. . "Tangibilidade dos modelos físicos: protótipos rápidos em arquitetura". *Graf & Tec* (Florianópolis), v. 23, p. 47-58, 2008.

FLORIO, W. ; TAGLIARI, A. M. . O uso de cortadora a laser na fabricação digital de maquetes físicas. In: XII Congresso *SIGRADI, 2008*, Havana. Instituto Superior Politécnico José Antonio Echeverría - Editorial CUJAE, 2008. p. 1-9.

FLORIO, Wilson. *Da Representação à simulação infográfica dos espaços arquitetônicos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1998.

FRASER, Iain; HENMI, Rod. *Envisioning Architecture. An Analysis of Drawing*. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1993.

GABRIEL, Marcos F. *Vilanova Artigas: Uma poética traduzida*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: EESC, 2003.

HARBISON, Robert. *The Built, the Unbuilt and the Unbuildable. In Pursuit of Architectural Meaning*. London: Thames and Hudson, 1991.

IRIGOYEN, Adriana. *Wright e Artigas. Duas Viagens*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

IWAMIZU, Cesar *Estação Rodoviária de Jaú e a dimensão urbana da arquitetura*. Dissertação de Mestrado: FAUUSP, 2008.

JUAREZ, Antonio. Topology and Organicism in the Work of Louis I. Kahn. Notes on the City Tower. *Perspecta*, Vol. 31, Reading Structures (2000), pp. 70-80.

JUCÁ, Christina B. *João Batista Vilanova Artigas, arquiteto (1934 – 1941): a gênese de uma obra*. Dissertação de Mestrado. UNB, 2006.

KAMITA, João M. *Vilanova Artigas*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

KATINSKY, Julio (Org.) *Vilanova Artigas*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake. Catalogo da Exposição, 2003.

LEMONS, Carlos. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo: Nobel, 1985.

LOBO, Maria da Silveira. *Brasília, da utopia à distopia*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2002.

MARQUARDT, Seina. *A estrutura independente e a arquitetura moderna brasileira*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG, UFRGS, 2005.

MIGUEL, Jorge M. *Pensar e Fazer Arquitetura*. Tese de Doutorado. FAUUSP, 1999.

NASCIMENTO, Myrna. *A Tecitura da Rede: Arquitetura como inter-linguagem*. Dissertação de Mestrado: FAUUSP, 1997.

OLIVEIRA, Giceli P.. *A Casa Bettega de Vilanova Artigas. Desenhos e Conceitos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 2008.

PERRONE, Rafael A. C. *O Desenho como signo da Arquitetura*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1993.

PESSOA, Denise F. *Utopia e sua relevância de análise e proposição do desenho da cidade*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2003.

- PETROSINO, Maurício M. *João Batista Vilanova Artigas – residências unifamiliares: a produção arquitetônica de 1937 a 1981*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 2009.
- RAMIREZ, Juan A. *Construcciones ilusorias. Arquitecturas descritas, arquitecturas pintadas*. Madrid: Alianza Forma Editorial, 1988.
- RIBEIRO, Ana Isabel (coord.). *A cidade é uma casa. A casa é uma cidade. Vilanova Artigas arquiteto*. Almada: Casa da Cerca, 2001.
- ROSENBLATT, Arthur. The New Visionaries. *The Metropolitan Museum of Art Bulletin*, New Series, Vol. 26. N.08 (Apr. 1968). Pp.322-332.
- ROSSETTI, Eduardo P. *Arquitetura e Transe. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexos da arquitetura brasileira pós-Brasília (1960-85)*. Tese de Doutorado: FAUUSP, 2007.
- SANVITTO, Maria Luiza Adams. As questões compositivas e o ideário do Brutalismo Paulista. *ARQTEXTO* (UFRGS), Porto Alegre, v.2. p.98-107, 2002.
- SCULLY, Vincent. *Arquitetura Moderna. A arquitetura da democracia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SEIXAS, Alexandre R. *A arquitetura escolar de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi (1959-1962)*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: EESC, 2003.
- SKY, Alison; STONE, Michelle. *Unbuilt America: Forgotten Architecture in the United States from Thomaz Jefferson to the Space Age*. New York: McGraw-Hill, 1976. (Prefácio de George Collins).
- SUZUKI, Juliana H. *Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi em Londrina : uma contribuição ao estudo da arquitetura moderna no Estado do Paraná*. Dissertação de Mestrado: FAUUSP, 2000.
- TENÓRIO, Alexandre S. *Casas de Vilanova Artigas*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: EESC USP, 2003.
- THOMAZ, Dalva E. *Artigas: A liberdade na inversão do olhar; Modernidade e arquitetura brasileira*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2005.
- THOMAZ, Dalva E. *Um olhar sobre Vilanova Artigas e sua contribuição à Arquitetura Brasileira*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 1997.
- VALENTIM, Fábio R. *Casas para o ensino. As Escolas de Vilanova Artigas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 2003.
- WEBER, Raquel. *A linguagem da estrutura na obra de Vilanova Artigas*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, PROPARG, 2005.
- XAVIER, Alberto. *Depoimento de uma geração. Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- ZEIN, Ruth Verde. *O lugar da crítica: Ensaios oportunos de arquitetura*. "Vilanova Artigas: A obra do arquiteto". Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2001.
- ZEIN, R. V. Vilanova Artigas: a obra do arquiteto. *Revista Projeto*, São Paulo, SP, n. 66, p. 79-91, 1984.

¹ Entendemos *partido arquitetônico* como a síntese conceitual da proposta arquitetônica e de que maneira o arquiteto propôs a organização do programa, sua setorização, seus acessos, seus espaços e conexões, circulação, volumetria, intenção plástica e estrutura, mediante as condicionantes do projeto.